

OBJETIVO FINAL DE TRUMP: CONTER A CHINA

A verdadeira batalha geopolítica: EUA e Israel buscam controlar as reservas de petróleo e gás iranianos para conter a ascensão da China, restaurando a hegemonia americana e reestruturando a economia global.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Nós simplesmente acreditamos, assim como outros analistas, que o objetivo da campanha militar israelense e americana contra o Irã é obter o controle indireto das vastas reservas de petróleo e gás iranianas, para que possam ser usadas como arma contra a China e forçá-la a aceitar um acordo comercial desequilibrado que impediria sua ascensão ao status de superpotência e, assim, restauraria a unipolaridade liderada pelos EUA.

Vamos explicar...

Trump afirmou que a campanha militar americana contra o Irã visa “*defender o povo americano*”, enquanto muitos críticos argumentam (em tom de brincadeira ou não) que seu objetivo é desviar a atenção do escândalo Epstein.

Teerã afirma que não está desenvolvendo armas nucleares e insiste que seu programa de pesquisa tem fins exclusivamente pacíficos.

Poucos observadores percebem que, na realidade, tudo isso tem a ver com a China. A “guerra irrestrita” está em curso, e isso explica porque Trump 2.0 “*decidiu privar gradualmente a China*

do acesso a mercados e recursos, idealmente por meio de uma série de acordos comerciais, para fornecer aos Estados Unidos a alavancagem indireta necessária para frustrar pacificamente a ascensão da China ao status de superpotência”.

Isso está claramente declarado na Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América de novembro de 2025. Para explicar melhor, *“os acordos comerciais dos EUA com a UE e a Índia poderiam, em última instância, restringir o acesso da China aos seus mercados, sob pena de tarifas punitivas em caso de recusa. Ao mesmo tempo, a operação especial dos EUA na Venezuela, a pressão sobre o Irã e as tentativas simultâneas de subjugar a Nigéria e outros grandes produtores de energia poderiam limitar o acesso da China aos recursos necessários para impulsionar sua ascensão ao status de superpotência”.* A escala dos recursos, relevante para o Irã, é um aspecto fundamental da **estratégia de negação** dos EUA.

Essa ideia teve origem com o subsecretário de Guerra para Assuntos Políticos, Elbridge Colby, e foi expandida [nesta análise](#) do início de janeiro. Conforme redigido, *“A influência dos EUA sobre as exportações de energia da Venezuela e, possivelmente em breve, do Irã e da Nigéria, bem como sobre as relações comerciais com a China, poderia ser instrumentalizada por meio de ameaças de cortes ou suspensões, em paralelo com a pressão sobre seus aliados do Golfo para que fizessem o mesmo na busca desse objetivo”*, que é forçar a China a um status de parceiro júnior indefinido dos Estados Unidos por meio de um acordo comercial desequilibrado.

A maioria dos observadores não percebeu, mas a nova Estratégia de Segurança Nacional prevê, em última análise, o *“reequilíbrio da economia chinesa em direção ao consumo interno”*.

Este é um eufemismo para uma reorganização radical da economia global pelos meios descritos acima – ou seja, limitar o acesso da China aos mercados e recursos responsáveis por sua ascensão ao status de superpotência, para que ela deixe de ser *“a fábrica do mundo”* e encerre sua era como a única rival sistêmica dos Estados Unidos. Isso restauraria a unipolaridade liderada pelos EUA, como evidenciado pelo [discurso de Marco Rubio](#) em Munique, onde ele detalhou a nova ordem mundial idealizada por Trump 2.0.

Em relação ao Irã, segundo a Kpler, o país responde por aproximadamente 13,4% dos 10,27 milhões de barris de petróleo por dia que a China importou por via marítima no ano passado. Portanto, os Estados Unidos querem controlar, limitar ou mesmo interromper esse fluxo. O Plano A previa alcançar esse objetivo por meio da diplomacia, replicando o modelo venezuelano implementado após a prisão de Maduro. O Irã hesitou em adotar essa opção, mas não se comprometeu, pois isso implicaria a rendição estratégica do país, razão pela qual Trump autorizou a ação militar para atingir esse objetivo.

Para alcançar esse objetivo, Trump prometeu à Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC), no vídeo que anunciava a campanha militar de seu país contra o Irã, que ela [receberia imunidade se depusesse as armas](#). Isso reforça a afirmação anterior de que os Estados Unidos desejam replicar o modelo venezuelano, pois sugere fortemente que vislumbram a Guarda Revolucionária, uma vez alinhada aos Estados Unidos, liderando o Irã durante o período de transição política antes de novas eleições, assim como os serviços de segurança da Venezuela, recentemente alinhados aos

Estados Unidos, governam o país durante sua atual transição política.

Tal cenário impediria a potencial balcanização do Irã, preservando, assim, a capacidade do Estado de retomar seu antigo papel como um aliado regional fundamental dos Estados Unidos. Isso poderia facilitar os esforços do Eixo Azerbaijão-Turquia para projetar influência ocidental em toda a periferia sul da Rússia.

Nesse cenário, os Estados Unidos obteriam simultaneamente uma influência sem precedentes sobre a China por meio do controle indireto das indústrias de petróleo e gás do Irã, ao mesmo tempo que reforçariam seu cerco à Rússia, desferindo assim um duro golpe na multipolaridade.

CHOQUE ENERGÉTICO

Um choque energético global pode estar no horizonte se a guerra travada contra o Irã pelos Estados Unidos e Israel levar ao fechamento prolongado do Estreito de Ormuz, a estreita via navegável que liga o Golfo Pérsico ao Mar Arábico e representa a artéria energética mais importante do mundo.

Há uma semana, o Irã simulou um bloqueio do Estreito de Ormuz durante um exercício militar e, agora, com o início do conflito, já se observa uma redução de fato na atividade das principais empresas de energia na região. Essas empresas imobilizaram muitos navios e restringiram a movimentação de petroleiros, com vários saindo, mas muito poucos entrando na região.

Em junho, durante a guerra com Israel, o Irã não fechou o espaço aéreo de Ormuz, medida considerada de último recurso, a ser tomada apenas em caso de ameaça existencial à República Islâmica. Essa ameaça parece ter se materializado com os ataques lançados em 28 de fevereiro pelas Forças de Defesa de Israel e unidades do Comando Central de Washington (CENTCOM), que levaram o Oriente Médio a um território desconhecido, também devido à forte resposta iraniana que afetou toda a região, interrompendo comunicações, cadeias de suprimentos e laços econômicos em uma região que é um centro global de crescente importância.

Em particular, a potência industrial mundial, localizada na Ásia, é a que mais depende do fornecimento de energia da região. Tanto que o *Chosun Daily*, um importante jornal sul-coreano, escreveu que “*mais de 70% do petróleo bruto importado pela Coreia do Sul vem do Oriente Médio, e a maior parte transita pelo Estreito de Ormuz*”, em meio ao fato de que “*o setor marítimo já está sob pressão devido às operações de navios-tanque*”.

Recentemente, o custo do transporte de dois milhões de barris de petróleo bruto do Oriente Médio para a China ultrapassou US\$ 200.000 por dia pela primeira vez desde 2020.

FATOS GRAVES

Nossos leitores não devem se esquecer de que há 5.000 marinheiros americanos em qualquer porta-aviões. E se, por algum míssil, metade deles fosse morta, a carreira política de Donald

Trump estaria acabada. Afinal, estamos em ano de eleições de meio de mandato, não é?

Isso não é fantasia; há alguns fatos muito interessantes acontecendo: quando os americanos enviaram o grupo de ataque do porta-aviões *Abraham Lincoln* – composto por um porta-aviões e três destróieres equipados com o sistema de mísseis Aegis – em direção ao Golfo de Ormuz, os iranianos disseram: “*Usaremos mísseis de cruzeiro supersônicos chineses, os C-304, para afundar o porta-aviões.*”

“*Lançaremos centenas de drones contra ele, sabe, para sobrecarregar suas defesas aéreas e depois o atingiremos com mísseis antinavio terra-mar, mísseis hipersônicos.*”

Você sabia que os americanos ficaram tão preocupados que retiraram o *Abraham Lincoln* do Golfo de Ormuz, movendo-o 800 km para longe? Foi assim que eles encararam essa ameaça.

Todas as condições estão propícias para uma crise global de energia e inflação. É mais uma ameaça potencial à economia internacional em um contexto geopolítico cada vez mais agressivo e ameaçador.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
